

Inteiramente baseado no *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares/Fernando Pessoa, este é um monólogo interpretado por duas personagens: um ator (Carlos Paulo) e um músico (Hugo Franco).

Fernando Pessoa, ele próprio, será o músico, sem palavras mas que através da execução musical de temas originais e recorrendo aos mais variados instrumentos preencherá silêncios, anunciará as mudanças, marcará os ritmos — maestro por excelência — dos seus heterónimos.

O ator representa seis personagens que compõem o imenso caleidoscópio de vivências que o *Livro do Desassossego* propõe: *O Escriturário*, *A Criança*, *O Mendigo*, *O Palestrante*, *Homem/Mulher*, *Revoltado*.

Este espetáculo é uma reflexão sobre um século que acabou e que teve em Fernando Pessoa um dos maiores expoentes, pela clareza, a inteligência e a frieza com que soube interrogar e interrogar-nos.

Espectáculo apresentado no âmbito do projeto Orpheu 100.

TNDM II
Praça D. Pedro IV
1100-201 Lisboa
Geral
T.: 213 250 800
geral@teatro-dmaria.pt

Bilheteira
4.ª a 6.ª 11h às 22h
sáb. 14h às 22h
3.ª e dom. 14h às 19h
T.: 800 213 250

Bilheteira online
www.teatro-dmaria.pt

Livraria
4.ª a sáb. 15h às 22h
3.ª e dom. 15h às 19h
T.: 213 250 837
livraria@teatro-dmaria.pt

Biblioteca | Arquivo
3.ª a 5.ª 14h às 19h
biblioteca@teatro-dmaria.pt

teatro nacional d. maria II, e.p.e.

direção artística
tiago rodrigues

consultor jurídico
rui costa ferreira*
advogada
joana moedas morgado*
secretariada
conceição lucas
motorista
david fernandes
atores
joão grosso
jose neves
lúcia maria
manuel coelho
maria amélia matta
paula mora
direção de produção
carla ruiz
manuela só pereira
rita forjaz
direção de cena
andré pato
andré calado
carlos freitas
isabel inácio
manuel guicho
paula martins
pedro leite
auxiliar de camarim
paula miranda
pontos
cristina vidal
joão coelho
guarda-roupa
aldina jesus
gracia cunha
reforço guarda-roupa
lurdes antunes*
direção técnica
jorge aguiar
marco ribeiro
paulo brito
nuno costa
rui carvalho

conselho de administração
miguel honrado
cláudia belchior
sónia campos

iluminação
joão de almeida
daniel varela
feliciano branco
luís lopes
pedro alves
som / audiovisual
rui dâmaso
pedro costa
sérgio henriques
manutenção técnica
manuel beito
miguel carreto
adereços
teresa varela*
motorista
carlos luís
direção de comunicação
e imagem
raquel guimarães
rita conduto
tiago mansilha
assessoria de imprensa
e comunicação online
joão pedro amaral
produção de conteúdos
margarida gil dos reis*
design gráfico
margarida kol*
francisco elias*
direção administrativa e financeira
margarida guerreiro
eulália ribeiro
susana cerqueira
tesouraria
ivone paiva e pona
recursos humanos
madalena domingues
técnico oficial de contas
fluxactive*
direção de manutenção
susana dias
albertina patricio
assessoria em arquitetura
pedro fidalgo*
manutenção geral
carlos henriques
raul rebelo

fiscal único
vitor almeida
e associados, sroac

assessoria em sistemas
elétricos
manuel alexandre*
informática
nuno viana
técnicas de limpeza
ana paula costa
carla torres
luzia mesquita
socorro silva
astrolimpa*
vigilância
grupo 8*
direção de relações
externas e frente
de casa
ana ascensão
carlos martins
deolinda mendes
fernanda lima
bilheteira
rui jorge
carla cerejo
sandra madeira
recepção
delfina pinto
isabel campos
lurdes fonseca
paula leal
assistência de sala
completarte*
direção de documentação
e património
cristina faria
rita carpinha
livraria
maria Sousa
biblioteca | arquivo
ana catarina pereira
ricardo cabaça

* prestação de serviços



do desas sosse go

a partir de livro
do desassossego de
bernardo soares/
fernando pessoa

Fernando Pessoa



de
bernardo soares/
fernando pessoa
adaptação
carlos paulo
versão cénica e encenação
joão mota
com
carlos paulo
hugo franco
e a participação de
bruno páscoa
figurinos
carlos paulo
desenho de luz
joão mota
música original
hugo franco

assistência de encenação
miguel sermão

direção de cena
manuel guicho
operação de luz
daniel varela
operação de som
joão neves

comuna - teatro de pesquisa
equipa técnica
paulo graça
renato godinho
paulo domingues
assistência geral
cremilde paulo
madalena racha
produção executiva
rosário silva
carlos bernardo
marta jorge

produção
comuna - teatro de pesquisa
m/12

agradecimentos
casa fernando pessoa
antónio cardiello
jerónimo pizarro
manuela nogueira

duração 1h

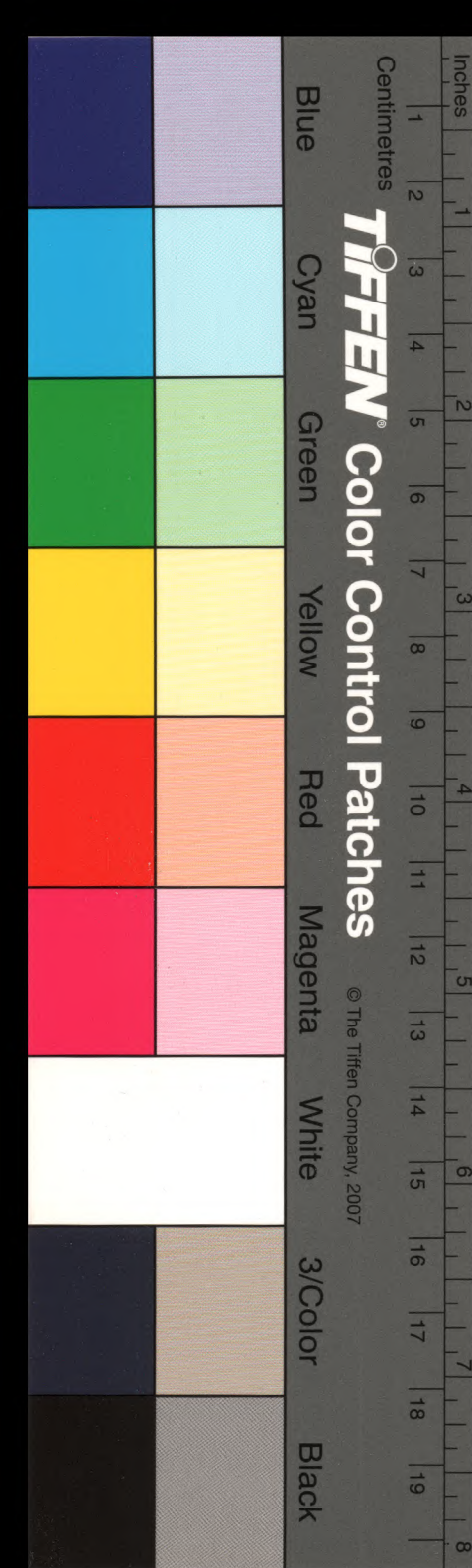
sala estúdio

18 jun - 12 jul'15

4.ª 19h15, 5.ª a sáb. 21h15
dom. 16h15



los oprijedam usip



“do desassossego”

Aos 14 anos desassossegado, procurei-o no Martinho da Arcada, porque alguém, a brincar, e perante a minha descoberta exaltante e apaixonada, me tinha dito que o podia encontrar aí, qualquer dia, à tarde. E ali ia eu, rua Augusta a caminho do rio, a dizer baixinho “só te queres matar, porque não te queres matar. Ah! Aproveita!” e com os livros religiosamente guardados na pasta, com a esperança enorme de me poder sentar à sua mesa e falar com ele, apenas com ele... Até que, ao fim de várias tentativas frustradas, decidi perguntar ao empregado:

- Desculpa, o senhor Fernando Pessoa, não vem cá hoje?

- Quem?

- O Fernando Pessoa, o poeta.

- Eu sei muito bem quem é o senhor Pessoa, mas olhe que ele já morreu há muitos anos...

era eu miúdo quando vim para cá... ainda o conheci.

- Desculpe... então, alguém estava a gozar comigo... Disseram-me que ele ainda

estava vivo e que eu podia encontrá-lo aqui todos os dias.

- Pois, brincadeiras. Mas deixe lá que você não é o primeiro que o procura. De vez em

quando aparece aqui gente crescida a perguntar por ele...

Era natural a brincadeira, porque Fernando Pessoa era nessa época um poeta só para alguns, e para nós alunos do Liceu apenas existia o poeta da “Mensagem” porque o resto da sua obra era sistematicamente silenciada. Mas quis a sorte que eu tivesse uma professora de português que me falou de Ricardo Reis e no Álvaro de Campos e me levou a descobrir nos alfarrabistas da Baixa as obras, em segunda mão, “desses poetas” que iriam mudar definitivamente a minha vida e o meu modo de estar no mundo.

E com Pessoa, esta viagem continuou durante todos os anos consecutivos. Novos livros, novos poemas, novas leituras, novos estudos e sempre renovadas paixões que me alimentaram regularmente e me ajudaram a crescer. Sinto, sempre, com Pessoa afinidades estranhas, de tal modo me parecia, de facto, que nos tínhamos conhecido algures.

Quando surgiu a primeira edição do *Livro do Desassossego*, mal adivinhava eu que, mais uma vez, e através do senhor Bernardo (como eu) Soares, a minha vida ia de novo levar um safanão tão violento que pensei, nessa altura, que nunca mais voltaria a ser o mesmo.

E não fui. Porque desde então, *O Desassossego* passou a fazer parte da minha cabeceira, e foi o companheiro mais fiel e dedicado, mais íntimo, mais amado.

Anos mais tarde, a Assírio & Alvim publica a versão integral e acrescentada da obra, e então, a paixão torna-se sonho. Nunca sonhei fazer personagens ou peças, deixei sempre essa escolha ao acaso ou aos encenadores, porque sempre tive medo de seguir o caminho do conforto e do conhecido. Prefiri sempre, enquanto actor, o sobressalto, o desafio, a surpresa, que me obrigassem a fazer opções, a trabalhar escolhas, a aprofundar diferenças.

Mas o “*O Desassossego*” estava ali a cumprir a excepção que faz a regra. Eu sabia, desde o primeiro momento, que aquelas palavras viriam a ser minhas, e que tudo iria passar por partilhá-las com o público. Porque desde os dramaturgos gregos, até Shakespeare, onde todo o Teatro se contém, nada me havia deslumbrado tanto como esta obra do meu amigo Pessoa.

O escriturário da rua dos Douradores, é parte íntima de cada um de nós, portugueses, e resume em si, de forma sublime, a cultura, a língua, a geografia – os limites deste povo que somos, e não outro, desta forma tão simples e complicada de ser-se português em pleno século XX. Todas as profundas interrogações, todos os problemas essenciais da nossa existência, como seres humanos individuais e como entidade colectiva, estão dissecados nesta obra, de forma pungente e dolorosa, com uma racionalidade fria e cirúrgica, tocados de uma paixão profunda pelo humano e pelo sagrado, numa confissão quase única, na história da literatura portuguesa. Fernando Pessoa deixou com o *Livro do Desassossego* a mais lúcida herança que, alguma vez, nos foi legada. Por isso, a razão porque eu quis partilhá-la convosco, agora, no limiar de um século novo, onde teimosamente insistimos em pôr todas as esperanças, esquecendo muitas vezes que o essencial é começar por nós mesmos. A esperança maior é na nossa própria mudança, para que possamos, depois, contagiar os outros.

A minha esperança é que, no final de cada noite, alguém saia daqui diferente, do que quando entrou; alguém saia daqui desassossegado para sempre; alguém saia daqui a sentir o que o escriturário da rua dos Douradores confessou:

- Nunca me sinto tão próximo de verdade como raras vezes em que vou ao Teatro ou ao Circo...

Carlos Paulo / dezembro 2011

(este texto não foi escrito segundo o novo Acordo Ortográfico)

A arte livra-nos ilusoriamente da sordidez de sermos. Enquanto sentimos os males e as injúrias de Hamlet, príncipe da Dinamarca, não sentimos os nossos - vis porque são nossos e vis porque são vis. O amor, o sono, as drogas e intoxicantes, são formas elementares de arte, ou antes, de produzir o mesmo efeito que ela. Mas amor, sono e drogas tem cada um a sua desilusão. O amor farta ou desilude. Do sono desperta-se, e, quando se dormiu, não se viveu. As drogas pagam-se com a ruína de aquele mesmo físico que serviram de estimular. Mas na arte não há desilusão porque a ilusão foi admitida desde o princípio. Da arte não há despertar, porque nela não dormimos, embora sonhássemos. Na arte não há tributo ou multa que paguemos por ter gozado dela. O prazer que ela nos oferece, como em certo modo não é nosso, não temos nós que pagá-lo ou que arrependermos dele. Por arte entende-se tudo o que nos dá prazer sem que seja nosso - o rasto da passagem, o sorriso dado a outrem, o poente, o poema, o universo objectivo. Possuir é perder. Sentir sem possuir é guardar, porque é extrair de uma coisa a sua essência. Não me indigno, porque a indignação é para os fortes; não me resigno, porque a resignação é para os nobres; não me calo, porque sou artista, entretenho-me a tecer musicais as minhas queixas e a arranjar meus sonhos conforme me parece melhor a minha ideia de os achar belos. Só lamento o não ser criança, para que pudesse crer nos meus sonhos...

Bernardo Soares/Fernando Pessoa (*O Livro do Desassossego*)

